PARA REFLETIR

A Revista Novamerica (nº 129, jan-mar 2011)[1], dedicada ao tema *"Educar hoje: vida digna, interculturalidade e democracia"*, traz entrevista de Vera Maria Candau, abrindo a série de artigos que desdobram o tema - rico material que pretende ser *"um convite para a discussão e, consequentemente, para a formulação e construção de novos caminhos para a educação (...) intercultural, sempre na perspectiva de promover vida digna para todos e todas"*, como proposto no editorial. Para estimular a acolhida do convite, resposta de Vera a uma das perguntas que compõem a esclarecedora entrevista, da qual foi extraída, também, a frase síntese presente na página inicial.

Que relações você estabelece entre Educar em Tempos difíceis, Vida digna, Interculturalidade e Democracia?

Acho extremamente oportuno esse título, que é de um congresso que vai ser realizado no Chile, em outubro deste ano[2]. Existem pessoas que podem dizer: mas todos os tempos são difíceis. É verdade. Entretanto, em cada tempo, essa dificuldade tem a sua especificidade. Vivemos tempos especialmente complexos e cheios de desafios. É isso que estamos chamando de tempos difíceis. E quando vivemos esses tempos cheios de desafios - desafios que na nossa perspectiva não são meramente instrumentais[3], mas são desafios de sentido e é por isso que se fala muito em uma crise de época ou em uma crise de paradigma - em geral pode haver diferentes posições diante dessa realidade.

Uma dessas posições é a de colocar os olhos muito mais no passado e, de alguma forma, nessas posições o passado é idealizado. E, desse modo, se olha muito para o presente dizendo: os princípios e os valores estão muito fragilizados, a realidade vivida anteriormente com certeza era melhor que a vivida no momento atual. O sentimento de perda é muito forte. E isso provoca uma atitude saudosista, uma atitude de querer resgatar, no presente, aspectos do passado. O que não quer dizer que não existam aspectos que precisam ser revisitados. Mas, de alguma forma, essa posição faz olhar para o presente dentro de uma chave muito negativa: os jovens já não são como antigamente; os professores afirmam: já não tenho mais alunos como tinha antes... E isso normalmente favorece uma visão neoconservadora da educação em todos os sentidos.

Outra perspectiva é a perspectiva de afirmar: os tempos que estamos vivendo são esses e o que temos que fazer é embarcar nesses tempos, porque não há alternativa. Essa é a única alternativa e por isso temos que embarcar nela: na sociedade do consumo, na sociedade centrada no mercado e o que temos que fazer é preparar os jovens para serem competitivos nessa sociedade. Essa sociedade é o nosso horizonte de sentido e, portanto, não há outra alternativa.

No entanto, é possível também uma terceira posição: tempos difíceis são tempos que nos desafiam a reinventar, a recriar, a buscar alternativas. Não nega o presente e nem todas as conquistas que já foram feitas, mas procura fazer uma análise crítica desse presente e procura ver quais são os aspectos considerados do passado que precisam ser revisitados e reafirmados, mas principalmente procura saber como podem ser criadas novas alternativas para a sociedade e a educação. Os tempos difíceis são fundamentalmente de criação e isso implica em ter que se mover no âmbito das incertezas, no âmbito das buscas, no âmbito das experiências que nos ajudem a caminhar. Todavia, para caminhar em tempos difíceis é necessário ter um horizonte de sentido. E nesse horizonte de sentido, eu acho que essas três expressões são fundamentais: vida digna, interculturalidade e democracia.

Vida digna quer dizer que estamos querendo colaborar para construir sociedades onde a dignidade humana se afirme, e, portanto, onde não existam milhões de seres humanos que sejam considerados descartáveis, porque eles não têm capacidade plena para inserção no mercado. Essa questão da dignidade humana e da afirmação da dignidade humana de cada pessoa e de todas as pessoas é fundamental nesse horizonte de sentido que estamos querendo colaborar para construir.

Outro elemento é esse reconhecimento das diferenças socioculturais. Esse é um componente muito forte das sociedades atuais: a consciência das diferenças culturais, religiosas, étnicas, relacionadas à orientação sexual, às diferentes gerações, entre outras... Essa consciência de que somos todos seres humanos, mas não somos seres padronizados nem individualmente, nem socialmente e, portanto, essa consciência da importância das diferenças, não só no plano individual, mas também no plano social, do papel dos grupos e dos movimentos sociais como componentes muito importantes da sociedade. Essa consciência está cada vez mais forte. E não gostaríamos de colaborar no sentido de que essas diferenças sejam reconhecidas e se afirmem sem dialogarem umas com as outras e, nessa perspectiva, a interculturalidade nos situa no horizonte de promover o diálogo entre os diferentes grupos socioculturais, o que é fundamental para a afirmação de uma democracia inclusiva, participativa e diferenciada.

Desse modo, essas expressões apontam um horizonte de sentido, quer dizer, nós queremos educar em tempos difíceis, mas queremos educar na perspectiva de afirmar a dignidade humana, de reconhecer os diferentes grupos socioculturais nas suas especificidades e promover a relação entre eles e, assim, favorecer uma construção democrática que ultrapasse o âmbito da democracia política, entendida muitas vezes, só como eleições de dirigentes - por mais importante que isso seja - para caminhar na direção de uma democracia também socioeconômica e cultural, que possa promover uma justiça que seja uma justiça social, mas também uma justiça cultural.

[1] A Revista Novamerica pode se adquirida, tanto exemplar/es específico/s, quanto assinatura anual, com Cecília Botana, através do telefone (21) 2542 6244, ou do endereço eletrônico revista@novamerica.org.br.

[2] Confira em **Notícias** .

[3] "Como, por exemplo, uma ênfase enorme na avaliação dos sistemas, entendida de maneira restrita, exclusivamente como medição de determinados componentes como a aprendizagem de determinadas áreas curriculares e disciplinas e também se dá por óbvio que - neste contexto em que nós estamos vivendo, ou seja, um contexto globalizado, que acentua muito a centralidade do mercado, do consumo e de um conhecimento que esteja a serviço dessa globalização econômica hegemônica - que o papel da educação é favorecer a inclusão nesse sistema e favorecer essa inclusão de maneira acrítica" (VMC).

NOVAMERICA
Programa Direitos Humanos Educação e Cidadania
ISSN 1519-9827 NOVAMERICA
Rua Dezenove de Fevereiro, 160
Botafogo - CEP : 22280 - 030
Rio de Janeiro - R.J. - BRASIL
Tel/fax: 2542 6244 - 2295 8033
E-mail: escola@novamerica.org.br
http://www.novamerica.org.br

Editora ..... Susana Sacavino
Texto Final ..... Iliana Aida Paulo
Supervisão Editorial ..... Adelia Maria Koff
Composição Gráfica ..... Compañia Visual Manteca
Equipe Responsável ..... Vera Maria Candau
Sílvia Maria F. Pedreira
Marilena Varejão Guersola

DDHH Direitos Humanos na sala de aula

Ano XI | Nº 114 | Jul/Ago 2011

DATAS SIGNIFICATIVAS

JULHO

01 Dia da Cidadania
09 Dia da Juventude
13 Dia da Promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990)
17 Dia de Proteção às Florestas

AGOSTO

07 Dia Internacional da Educação
11 Dia Nacional do Estudante
12 Dia Internacional da Juventude - ONU
23 Dia contra a Injustiça
24 Dia da Infância
26 Dia Internacional da Igualdade Feminina

DDHH Direitos Humanos na sala de aula

APRESENTAÇÃO

Educar em tempos difíceis.

Esta expressão está presente em todas as páginas deste boletim.

Nesta primeira, ao abrir a edição, representa um chamamento. Ao mesmo tempo, e com a parceria de Vera Candau, sinaliza esperança ativa e comprometida - marca da autora e de todos os educadores e todas as educadoras dispostos a "olharem de frente" os desafios que o momento presente apresenta ao fazer educativo.

Nas páginas centrais, notícia importante sobre evento em outubro próximo. Espaço-tempo de encontro, partilha e construção.

Na última página, permeia as reflexões de Vera Candau que estabelece relações entre educar em tempos difíceis, vida digna, interculturalidade e democracia. Pitada de uma entrevista recente que antecipa e delineia o foco daquele encontro.

Para além das significações nessas páginas é expressão-tatuagem, impressão definitiva em corações e mentes de educadores e educadoras integrantes do MEDH.

Para "movimentar as salas de aula", propomos brincar com as diferenças, jeito muito sério de promover o acolhimento da diversidade, de responder ao desafio de respeito ao outro - o diferente - para uma convivência solidária, para o **"bem-viver"**. Ou, recorrendo à linguagem-cultura guarani, que nos ensina um novo conceito de viver bem:

Teko Porã!

A equipe

PARTICIPE

Na edição de nov/dez, dedicada às produções das escolas, é nossa intenção publicar apenas **trabalhos voltados para o lema do ano**. Converse com a coordenadora de seu núcleo e comece a sistematizar o que têm feito sobre ele. Realize novas atividades. Participe!

Estamos vivendo um momento muito interessante, por conta dos grandes desafios que o mundo está enfrentando e que a educação está sendo chamada a olhar de frente. Educar em Tempos Difíceis é uma expressão muito feliz porque ela nos coloca diante desses desafios do mundo atual, mas nos coloca positivamente.
Vera Maria Candau



A sala de aula em movimento

Cara professora, caro professor, nesta edição, sugerimos atividades para continuidade/complementação das indicadas nos meses anteriores e outras formas de explorar o lema-tema. No primeiro caso, a intenção é indicar um possível processo de exploração temática. No segundo, oferecer alternativas para o trabalho. Em qualquer caso, recomendamos adaptação, recriação, adequação, que só você pode fazer por conhecer bem o/s seu/s grupo/s em termos de conhecimentos prévios, interesses, habilidades... Lembre-se: contamos com sua partilha. Ela nos ensina e enriquece.

A 1 Educação Infantil (pré-escola) e Ensino Fundamental Anos iniciais (1º, 2º e 3º)

Para discutir o direito às diferenças, Glória* inventou diferentes "mundos", entre eles a Terra dos Contrastes (*lugar onde havia gente alta, alta, muito alta* - que só olhava para frente e os lados - e, *ao mesmo tempo, gente baixa, baixa, muito baixa* - que só olhava para cima) e a Terra das Pontas (onde tudo tinha pontas, até as cabeças das pessoas eram desse formato. Quem tinha cabeça sem ponta não era considerado normal, vivia separado e triste). O tratamento lúdico da autora, para aceitação das diferenças, pode ser recriado por você.

Contar uma história (do livro da Glória, p.ex.) de uma Terra em que as pessoas são muito diferentes. Estimular intervenções das crianças sobre a novidade, com perguntas provocativas.

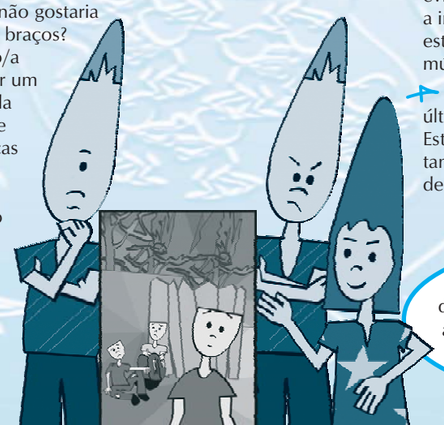
Levantar sugestões de outras Terras: uma em que todo mundo é azul (ou verde, ou...), outra em que tod@s têm quatro braços, outra em que as pessoas têm um só olho, bem no meio da testa, outra em que meninos e meninas vestem saias... Aproveite a ideia da Terra das cabeças pontudas e a das pessoas muito altas e muito baixas. Deixe a imaginação à solta. Depois, selecione as "terras" mais fáceis de desenhar e proponha que duplas ou trios se encarreguem de cada uma delas. Se necessário, repita as terras.

Com os desenhos feitos e exibidos para a turma, montar mural com as várias Terras. Não esqueça de escolher um título com as crianças.

Em aula posterior, conversar sobre a possibilidade de as crianças daquelas diferentes Terras viverem juntas no mesmo lugar - a Terra das Diferenças. Levante o que é necessário para que todas as crianças fiquem felizes sendo do seu jeito, com outras de outros jeitos.

Propor desenho/s dessa nova Terra. Montar novo mural, se possível ao lado do anterior.

Colega, durante a primeira fase do trabalho, brinque com as diferenças, destacando sua positividade, sua originalidade e, principalmente, conversando sobre como conviver com elas (p.ex.: Como crianças muito altas podem evitar pisar nas baixinhas? Como as baixas podem ver a cor dos olhos das altas...). Na segunda fase, novamente brincando com as diferenças, destaque vantagens de colocá-las juntas (Que time de futebol não gostaria de um/a goleiro/a de quatro braços? Quem não quer um/a amigo/a comprido/a para ajudar a ver um desfile?). Em cada fase, a cada passo, articule as conversas e brincadeiras com as diferenças reais presentes na vida das crianças, na perspectiva da aceitação e do respeito. Não deixe de falar de outras culturas/épocas em situações apropriadas (escocês veste saia; guerreiros romanos as usavam bem curtas).



A 2 Ensino Fundamental Anos iniciais (4º e 5º) e anos finais (6º e 7º)

Para sua/s turma/s desta faixa de escolaridade cabem as atividades anteriores? É possível trocar ideias e/ou resultados com turma/s da faixa anterior? Combine o que e quando com as/os colegas. Sempre vale muito a pena a interlocução, o trabalho conjunto.

Para turmas de anos mais avançados realizar a atividade, "ajustando o tom", e introduza a elaboração de um Estatuto para a Vida no Planeta (Terra ou Mundo) das Diferenças. Mas, atenção: não se trata de um "manual comportamental", repleto de regras e sanções. Discuta com a turma a intenção de produzir um Estatuto do Bem Viver que, no lugar de regras e sanções, apresente recomendações para que diferenças sejam reconhecidas, compreendidas e, por consequência, respeitadas e, melhor ainda, valorizadas. Exemplificando: todo/a novo/a aluno/a deverá ter oportunidade de apresentar para a turma suas preferências, costumes, etc., explicando o que considerar interessante que os/as colegas conheçam; todos/as os/as alunos/as são responsáveis por evitar que qualquer colega seja discriminado por suas diferenças, colaborando para que todos/as sejam aceitos como são...

- Dividir a turma em grupos para elaboração de "itens estatutários";
- Promover a discussão dos itens obtidos para seleção dos que devem permanecer;
- Orientar a organização dos itens selecionados montando texto - interessante produzir duas versões: uma escrita, outra em desenhos, charges, história em quadrinhos, etc.;
- Elaborar uma pequena introdução que apresente a intenção (referida acima) do Estatuto, ou outro nome que o "documento" receba;
- Divulgá-lo para demais turmas e em reunião de pais (grupo de alunos/as pode encarregar-se da tarefa), estratégia para que as famílias também falem sobre o assunto .

É indispensável colocar em discussão coletiva cada item para evitar, entre outros deslizes, propostas que, mesmo respeitando a intenção referida, sejam invasivas da privacidade dos/as estudantes. No horizonte, o bem viver, a tolerância, o respeito mútuo.

Obs.: Esse é um material que poderá ser publicado no último boletim do ano, bem como exposto no Encontro Estadual. Rica troca pela diversidade que por certo ocorrerá, tanto em conteúdo, como em formas de expressão. Não deixe de partilhar o/s de sua/s turma/s.

Observação:

* Glória Nascimento, em seu livro "Criança tem direitos", editado pela Novamerica. Vale a pena ler para/com as crianças as historinhas que abrigam, entre outros temas, a pluralidade cultural. As ilustrações (Marcus Agra), muito interessantes, vestem o conto e inspiram.

A 3 Ensino Fundamental anos finais (8º e 9º) Ensino Médio, EJA e Formação de Professores/as

Estas turmas já discutiram as duas afirmações do lema - edição 112 - e pesquisaram o tema em várias fontes - edição 113 (se não concluíram o trabalho, tente o final do semestre para isso).

É hora, então, de pensar formas de ampliar a divulgação do lema-tema. As possibilidades de fazê-lo são muitas (adolescentes, tão criativos, podem conceber várias). Sugerimos duas.

Organizar um festival de músicas e/ou poesias na escola. Para tanto caberá:

- Divulgar o festival (Cartazes? Panfletos? Megafone?), apresentando o tema (Diferenças sim! Desigualdades não!) com algumas ideias que poderão funcionar como subsídios para as composições musicais e as poesias;
- Conceber regras para participação que favoreçam engajamento de muitos/as estudantes (Poderão familiares também? Em outra "Categoria"?) - acolher vários ritmos, estilos de poesias (inclusive trovas), formas de apresentação...
- Planejar o dia do Festival - horário, duração, local, decoração (murais e outros materiais, obtidos através das atividades anteriores, podem integrá-la) e os recursos característicos desse tipo de evento.
- Embora o caráter não deva ser competitivo, pode ser definido um número de música/poesias a serem selecionadas, pela plateia ou comissão montada para esse fim, para compor um CD - gravação simples, "caseira", em MP3, depois transferida para CD. Além de funcionar como arquivo, o material será bem vindo à exposição do Encontro Estadual.

Todas as turmas, mas especialmente as de Formação de Professores, poderão conceber uma atividade lúdica sobre o tema, para as crianças da própria escola ou, se possível, de alguma creche e/ou orfanato próximos. Sugerimos como contribuição:

Brincadeira dentro-fora - feito um círculo no chão, as crianças entrarão nele ou dele sairão na medida em que correspondam ou não as características anunciadas (tenho cabelo curto, vou à igreja aos domingos, não tenho irmãos, moro com minha avó, não gosto de leite, só como bolo de chocolate, sei jogar futebol, brinco com bonecas, pulo corda ...). Durante e depois da brincadeira, conversar com as crianças sobre o fato de que, conforme a característica, mudaram suas companhias de círculo. Portanto podemos ser, em relação à mesma pessoa, iguais e diferentes: João é alto como Pedro, mas não come carne e ele sim.

Brincadeira encontrando o par - mãos ou pés do mesmo tamanho, altura igual, cabelo preso, estar de óculos, de tênis, de saia... (só cabem características visíveis). Chamar igualmente a atenção para as várias trocas de par que aconteceram pela mesma razão acima.

Quanto mais variadas as alternativas, maiores as possibilidades de mudanças de localização (dentro e fora do círculo) e de par. Igualmente maiores as possibilidades de muitas conversas (Por que meninos não brincam com bonecas e meninas não jogam futebol?)

Obs: Mesmo que no momento não seja possível fazer as atividades sugeridas com crianças, criá-las e mesmo realizá-las na própria turma é um excelente exercício hoje e para o futuro.

NOTÍCIAS

Santiago do Chile será, de 5 a 8 de outubro, sede do Congresso Internacional de Educação "Educar em tempos difíceis: vida digna, interculturalidade, democracia" - tema central de Congresso e da Conferência de Abertura. Seis eixos temáticos - entre os quais Formação de Educadores; Educação Intercultural e Inclusiva; Direitos Humanos, Democracia e Formação para a Cidadania - serão debatidos em painéis temáticos e comunicações. Para mais informações, consultar o nº 129 da Revista Novamerica e/ou o site **www.cie2011.cl**

TEMOS DIREITO!

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

Do **CAPÍTULO II (DO DIREITO À LIBERDADE, AO RESPEITO E À DIGNIDADE), destaques que afetam a todos: a escola, o poder público, a sociedade em geral.**

ART. 17 - O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente...

ART. 18 - E dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante...

ENRIQUECENDO A AÇÃO

Para professores/as

ANDRADE, Marcelo (org). ***A diferença que desafia a escola:*** a prática pedagógica e a perspectiva intercultural. Rio de Janeiro: Quartet, 2009

Reúne trabalhos que abordam diferentes dimensões das questões que igualdade e diferenças - e a articulação entre elas - trazem para a prática pedagógica, na perspectiva de uma escola que contribua para o direito à educação de qualidade ser assegurado a tod@s.

(Obs.: Este título foi referido na edição anterior, mas não chegou a ser publicado)

CANDAU, V.M. e MOREIRA, A.F. ***Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.*** Petrópolis:Vozes, 2008.

Coletânea que busca socializar discussões, estudos e princípios norteadores de procedimentos pedagógicos, considerando questões referentes a identidade, raça, gênero, sexualidade, religião, cultura juvenil e saberes que circulam na escola.